

Uma janela para o ânimo de Cristo

Julián Carrón

*Assembléia nacional italiana dos Bancos de Solidariedade
Milão, Teatro Smeraldo, 1º de novembro de 2008*

Andrea Franchi. Sejam todos bem-vindos e seja bem-vindo você também, Julián, que, com sua presença, nos ajuda e nos corrige em nossa experiência. Sejam bem-vindos ainda os amigos que estão ligados ao vivo por videoconferência, de Nápoles, da Sicília (Siracusa, Catânia e Palermo), da pequena grande Matera, de Campobasso, Fógia, Pescara, Teramo, Bári, Bríndisi, Ólbia e também, pela primeira vez, de duas grandes cidades (ou seja, dois Bancos de Solidariedade recém-nascidos), Roma e Madri. Meus cumprimentos a Manute e a todos os amigos de Madri.

Deixo meu abraço também aos amigos do Banco de Alimentos e da Avsi, que participam conosco deste gesto.

Por que estamos aqui? Porque cada um de nós, querendo ser feliz na vida, um dia encontrou o abraço de Cristo por intermédio do abraço de um homem. Esse homem, em primeiro lugar, é Dom Giussani, origem de todas as nossas obras, de toda a experiência dos Bancos de Solidariedade.

Esse homem inventou um gesto educativo chamado caritativa, que tem como finalidade que eu olhe nos olhos de quem me abraça e permaneça nesse abraço.

Estamos aqui hoje para testemunhar uns aos outros como esse gesto educa a nossa vida, como a muda, que novidade trouxe para nós. Esta, portanto, será uma assembléia de testemunhos, feita das perguntas que apareceram na experiência de vocês.

Sonia. Faz anos que trabalho como voluntária no Banco de Solidariedade de Como, mas nunca, como este ano, entendi o quanto uma educação, ao longo do tempo, permite que você veja a realidade com olhos diferentes.

Em junho tive um filho, Francesco, que nasceu com uma doença grave; ele viveu doze dias.

No dia de sua morte, entendi que nosso Francesco, em seus doze dias de vida, ofereceu tudo de si; Deus nos deu a graça de poder vê-lo e de batizá-lo, e, com sua morte, cumpriu-se toda a sua existência. Em doze dias, aconteceu tudo; não é preciso viver oitenta anos, tudo na vida é um

“a mais” que nos é concedido, doado. Francesco, em seus doze dias, testemunhou-nos a presença de Cristo no meio de nós, e essa é a tarefa de cada homem.

Com a história de Francesco, o olhar de Deus para a minha vida foi tão total, que hoje não posso deixar de desejar esse olhar todos os dias e, para negar que ele aconteceu, teria de negar a própria existência de meu filho, e assim eliminar a mim mesma.

Não sei por que Deus escolheu essa forma para me encontrar de um modo tão incisivo, mas, olhando para Matteo, meu primeiro filho, de doze anos, que está contente e feliz, não posso deixar de reconhecer que isso foi um bem para a minha vida.

Esse amor, essa misericórdia de Deus que hoje almejo no cotidiano mudou inevitavelmente a minha vida, até nos menores gestos de todos os dias; eu me dou conta de que o que antes era extraordinário (ou seja, uma coisa afastada do tempo ordinário, do dia-a-dia), a oração, a Escola de Comunidade, a caritativa, que antes eram relegadas a determinados momentos do dia (a caritativa na quarta-feira, a oração à noite, a missa no domingo, etc.), passaram a ser parte do meu cotidiano, de todos os dias, de um modo simples, não forçado, nem como se esses gestos fossem alguma coisa simplesmente acrescentada.

Percebo que, para persistir neste caminho, Deus me deu instrumentos simples, a Escola de Comunidade e a caritativa, que, em sua simplicidade, me lembram todos os dias que um Outro me fez, e me levam a reconhecer novamente a presença de Cristo todos os dias de um modo concreto, real, não como se fossem meras palavras.

Paola. Comecei a participar do Banco de Solidariedade a convite de uma amiga da Fraternidade, depois de dizer a ela que eu tinha um tempo livre que não utilizava. Sinceramente, eu pensava que tudo se resumisse à preparação e à entrega de uma cesta básica mensal às famílias. Na realidade, as coisas caminharam de um outro modo. As famílias que me foram designadas tiveram de enfrentar grandes problemas, não apenas financeiros, mas também de saúde. Meu

envolvimento, sobretudo emocional, foi muito forte.

As contradições entre aquilo que eu considerava serem as necessidades dessas famílias e as escolhas que elas faziam eram tamanhas, que às vezes, instintivamente, a minha vontade seria a de mandá-las para aquele lugar... Em outros momentos, eu me sentia despedaçada, pois não tinha condições de fazer praticamente nada; mais uma vez, nessas horas, se fosse seguir o meu instinto, teria dado um pouco das coisas materiais que eu tenho para responder às exigências delas.

Hoje eu me dou conta de que o problema principal, na verdade, era eu mesma: eu queria resolver as coisas a qualquer custo, estava convencida de que aquele era o meu papel! Quando cheguei a entender isso, tudo mudou para melhor. Mas, sozinha, eu nunca teria entendido; a ajuda para isso veio da companhia: desde as primeiras reuniões do Banco, eu me senti questionada sobre a razão pela qual fazia esse gesto. A resposta para mim era óbvia: eu o fazia porque me sentia no dever de responder a uma necessidade. Ler e meditar juntos as palavras de Dom Giussani em “O sentido da caritativa”, e descobrir, como ele diz, que esse gesto nos faz “cumprir o supremo, aliás, o único dever da vida, que é o de realizar a nós mesmos”, foram para mim uma revelação inesperada, que revirava o sentido da minha vida, apontando de novo qual era o centro da questão. As pessoas me diziam que eu tenho de querer bem a mim mesma como Cristo me quer bem, pois só assim posso ajudar e querer bem aos outros. Assim, eu me senti acompanhada e sustentada também nessa experiência; para mim, que abracei o Movimento há poucos anos, foi mais uma confirmação de que não estou sozinha, de que sou parte de uma companhia que me acolheu e me educa a ter um olhar mais verdadeiro para a realidade.

Se eu paro para pensar, é realmente incrível: essa ajuda que eu dei a estranhos foi o instrumento para ajudar em primeiro lugar a mim mesma! Adquiri a capacidade de aceitar meus limites e de conviver com eles, de não me sentir sempre no dever de resolver tudo; adquiri a paciência de esperar o meu tempo e o tempo dos outros, de não julgar, mas buscar corrigir fraternalmente e acompanhar.

Mas o maior dom dessa experiência é que mudou a maneira de me relacionar com meu marido, com meus filhos e também com meus alunos. Minha atitude não podia e não devia ser diferente da que eu aprendi a ter diante daquelas famílias.

A indiferença de meus filhos em relação ao Movimento e a recusa deles a participar das propostas do Banco sempre me provocaram uma reação de raiva e me levaram a julgá-los.

Hoje entendo que essa minha atitude os afastava ainda mais, não só de mim, mas também de eventuais propostas que pudessem encontrar. Como é que eles podiam se doar aos outros se eles mesmos se sentiam errados! Aprendi a valorizá-los mais, a olhar para a beleza que existe neles e, sobretudo, a dizer isso a eles, fazendo-os finalmente se sentirem amados e aceitos pelo que são. Algo semelhante aconteceu em relação a meus alunos: hoje consigo olhar para eles com um interesse diferente e me envolver não apenas como professora, mas também como pessoa.

Assim, agora, a partir de uma aula de economia, chego a falar da minha experiência de caritativa e, dali, começamos a expressar opiniões que, claramente, revelam medo e dúvidas sobre a vida deles. Como eu, eles também precisam de confirmações e encorajamentos, de se sentirem valorizados pelo que são, mas também de serem impelidos a buscar respostas, a não se contentar e a visar o melhor para suas vidas. Aprendi que não devo nem posso resolver os problemas deles ou tomar seu lugar, pois só Deus sabe do que eles realmente precisam. Devo apenas caminhar com eles, desempenhando meu papel de mãe e educadora, sem ter a pretensão de convencê-los e de mudá-los, mas com a paciência para entendê-los, acompanhá-los e amá-los.

Delfio. Venho do Banco de Solidariedade de Como. Em 26 de janeiro de 2006, entrei num centro de recuperação para toxicodependentes, a Arca de Como. Essa instituição dá às pessoas internadas na comunidade a oportunidade de desenvolver atividades externas. Eu escolhi trabalhar no Banco de Solidariedade. O motivo principal dessa escolha foi a maneira como eu gastava o dinheiro, praticamente sem freios: ganhava

mil, gastava três mil. Então eu disse: vou tentar me aproximar de uma associação desse tipo, para ver se assim talvez entenda alguma coisa.

Não só entendi alguma coisa, mas consegui também dar um sentido muito, muito mais claro a minha vida. Eu me reaproximei muito do Senhor, acolhi o abraço dos amigos do Banco, que foi realmente caloroso. Eles sabiam quem eu era e de onde eu vinha, e viram em mim uma pessoa positiva, uma pessoa que podia fazer alguma coisa.

Todas as quartas-feiras, eu ia e carregava caixas enormes para os voluntários, que iam distribuí-las às famílias: eu me sentia útil e ficava bem comigo mesmo. Eu me sentia bem pessoalmente, pois via a estima que essas pessoas tinham por mim.

Bem, meu percurso na comunidade terminou há quatro meses e eu ainda faço parte do Banco, e ainda vou fazer durante muito tempo, pois realmente os amigos de Como me acolheram e me deram a vontade de dar um sentido a minha vida, que eu havia perdido há muitos, muitos anos. Por isso, eu lhes agradeço e agradeço a todos vocês por me ouvirem.

Lorenza. Eu gostaria de fazer uma pergunta. O que eu desejo é perceber cada vez mais o Mistério dentro do meu cotidiano. Fazer caritativa é a oportunidade para aprender isso. Vou dar alguns exemplos. Uma das pessoas para quem eu levava a cesta básica era uma mãe adolescente; depois de um dia em que é fácil a gente se deixar levar pela rotina e fazer tudo no piloto automático, eu chegava lá, diante daquela pessoa, e era como se as contas não batessem mais. Ela, por exemplo, estava tendo dificuldades para arranjar um emprego e, por mais que eu me esforçasse para ajudá-la e dar sugestões e conselhos, quando voltava, no mês seguinte, nada tinha mudado. Diante dessa pessoa, ficava evidente como eu não podia administrar a vida dela, da maneira como eu pensava, mas tinha, em primeiro lugar, de estar diante dela.

Meu filho nasceu há pouco tempo e, como não consigo mais levar as cestas básicas, aceitei fazer como caritativa uma espécie de secretária do Banco.

Assim, quero perguntar uma coisa. Sou grata todas as vezes que sou tão simples a ponto de dizer: “Aqui está Cristo”, pois todas as vezes que O reconheço volto para casa contente e mudada diante do meu cotidiano. Mas o que eu me pergunto é: de quantas oportunidades eu preciso? Pois, seu eu não tenho sempre oportunidades como a caritativa, depois de algum tempo adormeço e passo a apenas suportar as coisas que me acontecem. Mas eu gostaria de ter esse olhar sempre, não apenas em alguns momentos do dia ou da minha vida.

Julián Carrón. Mas, Lorenza, você acha que é pouco “Mistério” o fato de você ir fazer caritativa e, dia após dia, as contas não baterem? Parece pouco “Mistério” para você?

Nós, muitas vezes, temos na cabeça uma imagem de como o Mistério deve aparecer, de como deve mostrar-se. O Mistério se torna presente a você quando você vai encontrar alguém; e, uma vez após outra, após outra, após outra, você vê que as contas não batem, porque se vê diante de algo misterioso para você. Quantas vezes isso acontece na sua vida, no cotidiano? Muitas; isso significa que o Mistério está presente até nas batatas que você tem de descascar!

Percebam que a dificuldade que nós temos, realmente, está na maneira de olhar.

O que me surpreende sempre é a falta da percepção do Mistério. O que nos falta é a percepção do Mistério, pois, mal começo a escutar você, eu penso comigo: mais Mistério do que você está me contando, onde? Onde é que você pode encontrar? Mas nos O temos bem à nossa frente e não O percebemos. Quando seu marido não se dobra a suas exigências, quando você vê que mesmo fazendo o que deseja não consegue ficar realmente contente, quando seu filho não é o que você gostaria que fosse... você se vê diante de algo que é misterioso.

Mas o que acontece? O que acontece é que nós, muitas vezes, vemos a realidade como todo o mundo, e depois pensamos que poderemos encontrar o Mistério fora da realidade, não sei de que jeito. Mas o Mistério está ali, bem à nossa frente, em todas essas coisas, nas dobras de

tudo o que acontece, tornando-se presente em todas essas coisas que não batem, das quais você não consegue se apoderar, que não cabem na sua medida.

O que nos ajuda nisso? Em que medida a caritativa ajuda você nisso? Não pelo fato de alguém lhe dar uma explicação do Mistério (pois explicações do Mistério você recebeu aos milhares, se é do Movimento; você as leu um milhão de vezes, mas é como se o Mistério continuasse externo, fora da realidade). É por isso que Dom Giussani insiste sempre em que a verdadeira questão é como nós nos relacionamos com a realidade; é por isso que eu insisto sempre no capítulo X de *O senso religioso* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000). Pois isso é o que mais nos falta, já que na relação com a realidade o nosso olhar é tão racionalista que nós não O vemos. Nós vemos a realidade como todo o mundo e depois acrescentamos o Mistério de fora. Não, ele está ali! Está ali. Quanto mais você olha para seu filho, para seu marido, para si mesma, quanto mais olha para a pessoa que vai encontrar, mais se dá conta de que essas pessoas não se explicam por si mesmas, de que são misteriosas. Essa é a forma. De que é que precisamos, então? De um lugar que nos ajude e nos eduque a olhar para a realidade de uma forma verdadeira, plena, completa.

Se alguém lhe diz que conhece bem o seu filho pelo fato de ter feito um exame de sangue, você se revolta: “Não! Isso não é tudo, meu filho é muito mais, é esse Mistério que eu tenho à minha frente”. Se não estamos diante da realidade dessa forma, com essa exigência de totalidade que a minha razão possui, nós não a conhecemos (como você não conheceria seu filho). O que você deve fazer para não parar apenas no exame de sangue? Ficar com tudo o que você é diante de seu filho, pois é ele que a ajuda a não parar ali: “Eu sou mais!” Pela afeição que você tem por ele, não pode parar ali.

Ontem à noite alguns amigos me contavam que um professor disse que, para Galileu, nós conhecemos a realidade, o mundo, pela matemática, e o resto, de uma outra forma. Não! O problema é que muitas vezes nós agimos assim. Não é pela matemática que nós conhecemos a realidade. Nesse sentido, somos racionalistas; é como se

pensássemos: “Eu conheço a realidade por meio da matemática; depois, para os visionários, existe uma outra forma de conhecimento mais elevada”. Não! A primeira forma não é conhecimento, porque eu não conheço a totalidade de seu filho somente pela matemática, ou por uma análise química do sangue. Eu e você conhecemos seu filho nos abrindo à totalidade dos fatores de seu filho, que tem dentro dele esse Mistério.

Ou nós nos educamos a isso ou o Mistério continuará sempre a ficar de fora, a ser abstrato, acrescentado, colado por cima do real e, por isso, depois, ficaremos com o problema de como nos educar ao Mistério. Educarmo-nos ao Mistério é o mesmo, literalmente o mesmo, que olhar para seu filho sem deixar de fora todo o mistério que ele é.

Isso é fácil? Fácilimo, basta apenas não parar na aparência. Quanto mais você quer bem, mais é introduzida a esse Mistério.

Tiziano. (Sobe ao palco e abraça padre Carrón, dizendo: “A caridade é isto”). A experiência que eu tenho feito é de que existe um nível da natureza em que as palavras não bastam mais e não servem mais. A caridade é um abraço físico.

Carrón. Obrigado! Para que o meu abraço seja verdadeiro, e por isso corresponda à necessidade do outro de ser amado, não basta uma forma qualquer. É necessário abraçar com toda a consciência do destino do outro. Pois todos nós já devemos ter feito a experiência de nos olharem ou nos abraçarem de um modo em que não havia aquilo de que nós realmente precisamos. Por isso, a questão é como podemos olhar bem (como eu dizia antes) e como podemos abraçar bem. É a mesma coisa.

Fabio. Depois de anos da rotina de CL, este ano, nas férias, decidi deixar tudo pra lá...

Carrón. E por que não fez isso?

Fabio. Não, não: eu fiz!

Carrón. Fez?

Fabio. Fiz, e deixei tudo pra lá. Deixei tudo pra lá, porque, de certa forma, me sentia bem assim. Mas, por sorte, isso durou pouco, porque gera tantos danos depois, que a gente acaba se dando conta.

Eu também participo de um Banco de Solidariedade, e nestas férias de verão fui ao Meeting pela primeira vez, fundamentalmente para acompanhar minha esposa, e não porque me interessasse pelo Meeting. Lá, acabei assistindo a alguns encontros, que me impressionaram, como penso terem impressionado um pouco a todo o mundo, como, por exemplo, o encontro com a Vicky.

Voltei para casa com esta pergunta: por que os milagres acontecem sempre aos outros? Isso não tem sentido, não posso aceitar isso!

Carrón. Mas quando os milagres acontecem aos outros, eles não são também para você? O fato de a Vicky poder viver contente, em meio a uma situação como a dela, não é uma esperança também para você? Quando descobriram a penicilina, era uma coisa para você ou não?

Fabio. Realmente, depois os milagres aconteceram para mim também.

Carrón. Ótimo, ainda bem! Porque, se existe um cirurgião extraordinário ou um médico sensacional, eu fico contente, porque ele existe para mim também. Quando você vê a Vicky, ou um outro, viver assim, pode ser uma possibilidade também para você.

Fabio. Voltei do Meeting e continuei a trabalhar no meu Banco de Solidariedade, pois ainda não tinha encontrado um substituto. Acabou um dia que uma menina de catorze anos começou a fazer caritativa e veio comigo levar as cestas básicas às famílias. No carro, ela não parava de me dizer que era “levada” para fazer caridade. Era a primeira vez que eu a via, e não ousava nem responder. Na semana seguinte, uma garota, sua amiga, veio me dizer: “A Michela ficou superimpressionada com esta

caritativa”. Eu não havia dito nada a ela, mas, quando nos despedimos da família, a senhora a abraçou e a cumprimentou como se fosse sua filha. Michela disse à amiga: “Entendi que o Banco não é só levar a cesta básica, como eu pensava, mas é uma questão de relacionamentos”.

Outro fato. Eu sou inspetor de polícia: um dia, a patrulha interveio para salvar uma pessoa que queria se suicidar. Depois de uma semana, essa pessoa voltou a nos procurar, pois tinha medo de tentar outra vez, e meus colegas, não sabendo a quem enviá-la, mandaram-na falar comigo.

Eu a vi ali na minha sala e não sabia o que dizer; deixei que ela falasse e depois de algum tempo a única coisa que soube lhe dizer foi que ela fosse também aonde eu ia. Assim, convidei-a para o Banco e para jantar com todos os amigos no sábado à noite. Eu disse a ela: “Você precisa de alguém que lhe queira bem, e a única coisa eu posso fazer é convidá-la para ir lá”. Essa pessoa foi, e hoje está bem; começou até a ir à Escola de Comunidade.

Independentemente do resultado, esses dois sinais, voltando a pensar no Meeting, são milagres para mim, que me fizeram voltar a crer um pouco em tudo. Eu desejo continuar agora com a consciência de que, da mesma forma como essas duas pessoas foram mandadas para mim, também o Banco ou os outros gestos são feitos para mim. Eu desejo manter o meu olhar desperto, manter os olhos abertos para reconhecer os milagres que acontecem para mim também, e não apenas para os outros.

Isso me muda, eu estou muito mais tranqüilo; é mesmo uma entrega, como você dizia quando o puseram como sucessor de Dom Giussani: “Não fui eu que escolhi, essa tarefa me foi dada e, portanto, alguém vai me guiar”. Eu percebo que isso é verdade, e desejo viver com esse olhar; e vejo que isso já está me mudando, minha maneira de viver muda. Dou dois exemplos. Um é o fundo comum, que sempre foi uma coisa bastante desleixada, e agora não é mais, pois é uma coisa dada, como é dada a caritativa e a Escola de Comunidade. Hoje eu tenho o desejo de estar seriamente diante do fundo comum, da caritativa e da Escola de Comunidade. O outro exemplo é que domingo fui padrinho de Crisma, e quase chorava ao pensar que o Espírito Santo estava lá

(enquanto, para as outras pessoas, aquela missa era uma chatice só). Eu lhe agradeço por tudo isso.

Carrón. Eu é que lhe agradeço, pois tudo, meu querido Fabio, está na abertura sutil que faz a pessoa ir ao Meeting com a esposa, deixando o Mistério entrar por essa brecha pequenina. Você jamais poderia imaginar que ir ao Meeting, apenas para acompanhar sua esposa, pudesse lhe trazer, depois, todo o resto. No entanto, foi o início do caminho que o levou a ver todos os milagres, primeiro fora de você, depois em você mesmo. Esses milagres o escancararam de novo, fizeram você voltar a crer.

Você diz: “Estou mais tranqüilo”. Por quê? Porque ter os olhos arregalados corresponde mais que o esconderijo em que a pessoa quer se fechar. Corresponde mais, e a pessoa percebe isso em si mesma.

Elisa. Sou professora de uma escola infantil e, no Banco de Solidariedade, cuido mais do setor que angaria alimentos, o que me faz visitar as escolas. Conheci o Movimento a partir do trabalho do Banco de Solidariedade na minha região. Tentar educar à caridade é extremamente difícil, se você não for educado primeiro; em todos estes anos, acho que utilizei a Escola de Comunidade e também a caritativa um pouco como se fossem muletas, porque uma inquietação sutil sempre acompanhou a minha vida, como acho que acompanhe um pouco a vida de todos. Depois, aconteceram alguns fatos, devo ter ficado mais consciente também, não sei, mas comecei a ir me confessar com maior frequência e com uma certa pontualidade, com uma certa fidelidade, e nos últimos tempos tenho vivido dessa forma também a Escola de Comunidade. Assim, a caritativa e a Escola de Comunidade não são mais muletas; é como se eu tivesse duas pernas novas, que me levam a fazer coisas que eu nunca teria feito antes. Por exemplo, houve a greve na escola: fui a única professora, em oito escolas, que não aderiu. Ninguém me agrediu, ninguém me disse nada; pelo contrário, uma colega minha, totalmente insuspeita, até me perguntou por que eu não

aderia à greve. Eu tinha ido a Roma, ao congresso da Dicesse, o que me deu condições de responder. A coisa mais bonita neste momento da minha vida é a seguinte: é que tudo passa pelo meu eu, que é sempre perdoado e de novo acolhido – porque eu me sinto sempre inadequada, mesmo quando vou às escolas falar do Banco de Solidariedade, falar da minha experiência. Assim, quando eu estou diante das crianças menores, o que é que vou dizer? Com três anos, o que elas podem entender? Peguei então o capítulo X de *O senso religioso* e inventei, por assim dizer, o “jogo do Dom Giussani”, em que faço as crianças fecharem os olhos com as mãozinhas e depois pergunto: “O que vocês estão vendo?” E elas me dizem: “Nada, nada”. “Abram os olhos; e agora, o que vocês estão vendo?” E elas me dizem: “Tudo”. E depois vão fazendo a lista: “Estou vendo você, a janela, o chão”. E depois eu pergunto: “Mas quem foi que deu essas coisas a vocês?” Então elas começam pela professora, pelos pais e acabam chegando ao Outro, Àquele que nos dá tudo. Eu não dou aulas de religião, vou a certas escolas em que quase nem seria possível dizer o nome de Deus, e mesmo assim essa experiência aparece. Tenho, então, essas duas pernas novas e espero, com uma fidelidade que é minha, mas que não é minha, não sei como dizer, está em mim, mas não vem de mim – e isso eu acredito que seja um milagre -, continuar a caminhar assim.

Carrón. Obrigado.

Antonio. Vivendo com fidelidade a Escola de Comunidade e a proposta da caritativa, esta semana me aconteceu uma coisa. Entrei no bar e estavam tendo uma discussão enorme; eu disse comigo: “Só podem estar falando de futebol; agora não tem pra ninguém!” Mas eles estavam falando de uma outra coisa, muito séria: “Deviam matar todo o mundo... este aqui precisaria ser eliminado, aquele outro também...” O que eles diziam não me correspondia de jeito nenhum, e então eu reagi; não fiz nenhuma análise política, mas contei a experiência que eu faço entregando as cestas básicas. Depois que terminei de contar, ficou aquele

silêncio sepulcral. E então alguns reagiram de uma maneira positiva ao que eu tinha dito. Aí, ontem, misteriosamente, alguém me ligou e me disse: “Podemos retomar a conversa de outro dia?”

Eu fiquei realmente espantado com esse fato, mas me dei conta de que, se uma coisa vale para mim, é verdadeira para todos. Precisamos trabalhar sobre esse fato, não há nada de óbvio nisso; eu não sou nem bom nem mau, mas preciso dizer aos outros o que me salva, o que eu encontrei, ou seja, a beleza que eu encontrei por meio desta experiência.

Carrón. Obrigado, porque o que o Antonio contou me parece muito útil para nos darmos conta do que muitas vezes nos acontece. Qualquer outra pessoa poderia ter entrado naquela discussão como apenas mais um. A atitude dele, afinal, poderia ter sido definida pelo que estava acontecendo ali. No entanto, o que ele nos diz, de uma maneira muito simples? Que ele chegou ali, viu aquilo, viu que não lhe correspondia e não tomou a discussão como ponto de partida, mas partiu de algo que é uma experiência dele, de algo que é uma nascente original: a experiência dele; e então contou o que ele faz, ou, como ele dizia: “O que me salva”. Posicionou-se com uma originalidade toda nova: “testemunho” é o nome da única forma como podemos compartilhar com os outros o que nos aconteceu, que está fora dos esquemas, fora das discussões. É um ponto de partida completamente novo, e por isso está fora dos esquemas.

Fiquei impressionado com a simplicidade com que ele disse isso; é uma novidade absoluta, porque normalmente entramos nos bate-bocas como uma reação a mais ao que está acontecendo, e não a partir de uma novidade, daquilo que nós vivemos, que é a nossa verdadeira contribuição para resolver qualquer situação. Foi isso o que Jesus fez: pôs na vida, na história, uma Presença totalmente nova, e com isso começou a responder à nossa necessidade.

Nicola. Sou do Banco de Solidariedade da comunidade da Fontana de Milão. Comecei a fazer caritativa há catorze anos. Depois que encontrei o Movimento numa cidadezinha da província de Matera, fui

catapultado para Milão. Pensei: “Vou chegar a Milão e só Deus sabe o que vai me acontecer”. Mas confiei e me entreguei, e encontrei famílias que me acolheram em sua casa, no bairro da Fontana. Eu via que essas famílias viviam a vida de um jeito sério, mesmo tendo problemas com os filhos. Eram sérias. Mesmo tendo problemas, elas me acolhiam, me convidavam para o jantar, não me deixavam sozinho. Elas me quiseram bem, fui benquisto. Minha vida deu realmente uma guinada. Então, comecei a querer restituir a Jesus tudo o que ele me deu, porque vivia o cêntuplo; realmente, me casei, tenho três filhos, trabalho, estou bem, não me lamento do que tenho. Aprendi essas coisas fazendo caritativa, pouco a pouco. Gostaria de começar por uma coisa que foi dita no Dia de Início de Ano de Milão: não é preciso partir de Deus para chegar à realidade; é a realidade que joga Deus na sua cara. Essa é a maior verdade, e eu aprendi isso fazendo caritativa. Mesmo vivendo o cêntuplo nesta vida, queria dar sempre mais, mas me sentia impotente, não conseguia, não dava nem um por cento do que podia dar. Queria diminuir a desproporção entre mim e Cristo, mas a caritativa me fez entender que a desproporção se torna cada vez maior, a ferida se abre cada vez mais; e, mesmo vendo isso, quero estar dentro desta história, porque fui abraçado.

Carrón. Obrigado, porque o que você diz é fundamental. Primeiro, a experiência de ser benquisto. Disso nasceu, depois, o desejo de restituir: Nicola estava tão grato que queria restituir, dar alguma coisa que ele havia recebido. A caridade não nasce de uma falta, mas justamente do transbordamento da gratidão pelo que a pessoa recebeu. É isso que nos torna livres em relação aos resultados, em relação à resposta do outro, quando você leva a cesta básica para ele e ele não responde de acordo com a medida que você tem. Como é que eu posso continuar, a partir daí? Eu posso continuar porque o meu ponto de partida não é uma falta que eu tenho de preencher, mas uma gratidão. Parto de uma gratidão; meu ponto de partida, podemos dizer assim, não é o senso religioso que eu quero preencher. Meu ponto de partida é totalmente cristão: a gratidão pelo que Cristo me deu e me dá.

É essa experiência absolutamente única que permite um ponto de partida novo, original, livre, sem pretensões, deixando ao outro – como o Mistério faz conosco – todo o tempo, todo o espaço para responder de acordo com um desígnio, um ritmo, um tempo que não é o meu. Mas por que é que eu posso esperar assim? Justamente porque meu ponto de partida é uma plenitude.

“Eu queria restituir”, e quanto mais a pessoa se dá conta disso e começa a fazê-lo, mais isso a introduz novamente no Mistério. Como ele diz, retomando o Início de Ano: “É a realidade que introduz você ao Mistério, a Deus”, porque, quanto mais a pessoa deseja responder, também pelo que recebeu, mais se sente impotente. Sente a total desproporção entre a necessidade do outro e o que pode dar a ele.

O que podemos compartilhar? Podemos compartilhar simplesmente o que temos de mais caro, que é o que recebemos. É impressionante – em sua absoluta simplicidade – como as coisas acontecem. Essa é a novidade que Cristo introduziu e que se propõe mais uma vez agora à experiência de cada um, como vemos nos Evangelhos; sem tirar em pôr.

Giovanni. Venho de uma ilha de Veneza, Pellestrina, perto de Chioggia, e sou pedreiro. Há pouco tempo entrei no Movimento, que eu conheci graças a um amigo que Deus quis levar consigo. Depois, graças aos amigos da comunidade de Pellestrina, freqüentei o Movimento e aprendi a conhecer esta realidade maravilhosa, uma coisa que antes, acreditem, eu jamais poderia ter imaginado, talvez pela minha maneira de viver, de pensar... Este tipo de vida estava muito longe de mim. Depois, fui chamado a trabalhar no Banco de Solidariedade, para entregar cestas básicas às pessoas mais necessitadas. Em Pellestrina, somos três mil habitantes, e quase todo o mundo se conhece. Uma vez por mês, nós entregamos de 13 a 14 cestas. Uma parte delas nós deixamos na frente da porta e vamos embora; outras, eu levo diretamente às pessoas necessitadas. Faço isso uma vez por mês, e aí, acreditem - é difícil para mim contar -, sinto uma explosão por dentro, uma alegria imensa. Não sei por que, talvez porque não tinha ainda

vivido uma coisa assim antes, ou talvez porque, sentindo tudo isso de uma vez... É uma maravilha, não consigo descrever. Diante desses fatos, você se sente mudado, se sente novo, vive uma realidade extraordinária. Minha esposa não faz parte do Movimento, não adere ao que eu estou vivendo neste momento. Eu tento explicar estas coisas maravilhosas, o que eu vivo, o que eu experimento, tanto que ela até ficou surpresa, porque, logo depois da entrega da minha primeira cesta, fui correndo procurar o meu pároco e me confessei. “Precisava mesmo da cesta para ir se confessar!”, me disse minha mulher.

Carrón. Por que deu na sua cabeça ir se confessar?

Giovanni. Porque naquele momento eu sentia uma coisa nova, sentia que diante de mim havia um Outro, como os meus amigos me diziam, como a Escola de Comunidade me ensinava. Eu queria também explicar isso às outras pessoas com quem convivo, que não freqüentam o Movimento. Quando explico isso, elas mesmas me dizem: “Dá para ver que você mudou; é realmente um milagre, vendo como você era antes. Mas por que você vai entregar essas cestas básicas? Você se dá conta de quem são as pessoas a quem você as leva? Será que aqueles lá precisam mesmo dessas cestas?” Eu tento explicar aos meus amigos e a minha esposa o gesto que eu faço, mas às vezes - é esta a pergunta que gostaria de fazer - não sou correspondido, e aí, algumas vezes, me perco. Existe mesmo, como diz Dom Giussani no livrinho da caritativa, o perigo de a gente se perder, e até o perigo da infidelidade. Então, eu quero perguntar como devo me comportar diante desses fatos, que palavras devo usar, pois sempre posso ter um contato com essas pessoas. Como devo me apresentar diante delas, de que jeito devo estar diante delas? E também uma outra coisa: nessa ilha, nós somos poucos, mas mesmo assim me indicaram mais dois casos, de pessoas que não vêm até a gente pessoalmente, para pedir e dizer: “Estou necessitado”; só que nós recebemos essa indicação. Como é que podemos falar com essas famílias, com essas pessoas que têm necessidades? E eu, como é que eu devo me

comportar, como devo estar diante do Mistério, diante de Cristo? Porque eu me encontro diante de Cristo quando faço essas coisas.

Carrón. Foi “uma alegria imensa”, diz ele, “uma maravilha, uma realidade extraordinária”, uma coisa totalmente nova. É como se adquirisse carne aquilo que Dom Giussani diz na primeira linha do livrinho da caritativa: “A nossa natureza *exige* que nos interessemos pelos outros. [...] Quando há algo de grande e de belo em nós, sentimo-nos impulsionados a comunicá-lo aos outros. Quando vemos outras pessoas que estão em uma situação pior do que a nossa, sentimo-nos impelidos a ajudá-las, compartilhando algo que é nosso. Tal exigência é tão original, tão natural [nossa], que existe em nós mesmo antes que tenhamos consciência dela, e por isso nós a denominamos justamente lei da existência. Participamos do gesto da ‘caritativa’ para satisfazer esta exigência” (Giussani, L. “O sentido da caritativa”. Tradução de Vando Valentini. In: www.cl.org.br). Quando sabemos que essa *exigência* é satisfeita? Quando nos leva a isso. Isso é o que nos educa, mas o que nos torna felizes? Somos felizes quando fazemos só aquilo que nos interessa ou quando vivemos de acordo com essa lei da existência? Para nós isso é paradoxal, absolutamente paradoxal. Por quê? Porque, na nossa opinião, segundo a nossa forma de pensar quase espontânea, seríamos mais felizes fazendo só aquilo que nos interessa, ou seja, fazendo o contrário dessa lei. No entanto, quando somos leais ao seguir, nos damos conta de que essa lei é mais verdadeira que todos os nossos pensamentos.

O Mistério se torna tão presente, de maneira misteriosa, que acontece literalmente o mesmo que aconteceu quando os discípulos estavam diante de Jesus depois da grande pesca: não sabiam o que fazer, de tantos que eram os peixes que haviam pescado, e Pedro se ajoelha para se confessar, como o nosso amigo. O sinal mais belo, o sinal mais imponente da presença de Jesus é que a pessoa se dá conta do seu nada, do seu mal.

É impressionante que alguém, fazendo a caritativa, fique com vontade de ir se confessar, pois é a coisa que poderia parecer mais

distante. Como ligar essas duas coisas? Só uma coisa as liga: a imponência da Sua presença. Quanto mais A tocamos, nos aproximamos d’Ela, mais a pessoa sente seu nada.

E assim Cristo, hoje, como naquela época, como há dois mil anos, nos introduz ao sentido da nossa vida, mostrando a verdade que é Ele, e não nos dando uma lição: tornando-Se presente desse modo tão imponente justamente pela experiência que fazemos da nossa desproporção e do nosso mal.

E isso faz parte da experiência humana que a Escritura nos testemunha constantemente. Essa é a mudança que Cristo traz. E o Giovanni se pergunta: “Como posso me apresentar diante dos outros? Com que palavras?” Simplesmente como você fez aqui, e como fez com sua mulher; simplesmente vivendo. O resto vai depender de um desígnio que não é seu. Você não deve inventar uma outra coisa, mas deve fazer literalmente o que fez aqui.

Como o Senhor usará isso, esse testemunho, essa mudança que está realizando em você para o bem deles, isso não é um problema nosso; isso é um problema d’Ele. A nós cabe viver com esta alegria, com esta gratidão pelo que Ele faz, que nos permite abraçar – isto é impressionante! – até o nosso mal, poder olhar para os “esqueletos” que temos no armário. Esse é o sinal mais forte, pois muitas vezes nós não confessamos o nosso mal nem a nós mesmos.

Somente a presença boa de Cristo nos permite olhar para aquilo que não conseguimos olhar, e essa é a forma com a qual o Mistério nos introduz a Ele: simplesmente com a fidelidade a esse pequeno gesto. Quem diria que essa simples fidelidade traria um bem tão grande?

Alessandro. Sou de Bérghamo. Depois da assembléia do ano passado, aconteceram duas coisas que me deixaram mais contente. Voltando da assembléia, um amigo meu me disse uma coisa que me impressionou, me feriu, justamente porque era bonita e verdadeira. Ele me disse: “Veja, Alessandro, nós não ajudamos quem merece, mas quem precisa”. Para mim, foi uma coisa fantástica; me impressionou tanto, que comecei a

dizer isso até no trabalho; até pouco tempo atrás, eu às vezes trabalhava também como voluntário na Cáritas, e comecei a dizer: “Vejam que nós não ajudamos a quem merece, mas a quem precisa”. Depois aconteceu um fato: no Banco de Solidariedade de Bérghamo, estávamos um pouco em crise de voluntários, mas, como é uma obra feita por um Outro, eu pensei: “Com certeza Ele vai nos ajudar; não precisamos nos preocupar”. Uma amiga da minha esposa teve problemas com a hipoteca da casa e precisava da cesta básica; fui falar com um senhor do Banco, que não é do Movimento, e disse a ele (nós tínhamos uma lista enorme de famílias para assistir): “Escute, Ercole, precisamos levar uma cesta para esta pessoa; ela cometeu muitos erros, mas eu também cometo os meus”. Ele me disse: “Não, escute, ela que se arranje... podia ter pensado antes... com todos esses filhos... nem pensar”. E aquela ferida se reabriu; eu me lembrei do meu amigo e lhe disse: “Olhe que nós não ajudamos a quem merece, mas a quem precisa”, e a expressão de Ercole me tocou, pois a verdade se impõe. Ele disse: “Então vamos levar”. Nós levamos a cesta básica e a filha da senhora a quem a levamos ficou impressionada. Nós lhe dissemos por que existia aquela cesta, que aquela cesta só existe porque existe a Igreja, e que essa é a verdade (elas eram ex-testemunhas de Jeová). Ficaram tão impressionadas com isso, que disseram: “Nós também vamos”. Vieram ajudar no Banco ela, o marido, a irmã do marido, a amiga da irmã; a coisa que mais me impressionou é que a fidelidade à origem, à forma como tudo nasceu, é a única coisa que precisamos ter em mente no Banco: entender a origem.

Eu queria também lhe agradecer porque, tão logo entrei aqui hoje, entendi de novo o fato de o Mistério estar presente; eu tinha certeza de que Ele está presente, é uma coisa que entendi há três anos, mas explico por que estou dizendo isso. Segunda-feira, disseram a minha esposa e a mim que estamos esperando um filho. E, como eu sei que a maneira como eu olho para a realidade é errada – e é por isso que estou aqui, para aprender esse olhar que me agrada -, assim que entrei, pedi a Jesus, na oração, que me ajudasse a entender como devo olhar para esse filho. Michele me diz sempre: “Peça a Deus, mas também à testemunha”;

então, entrei e o senhor vem e diz à Sonia aquela coisa sobre o filho; fiquei maravilhado e pensei: “É isso mesmo!” Portanto, obrigado, obrigado, obrigado.

Carrón. Eu creio que a melhor síntese, juntamente com o testemunho de nosso amigo, esteja contida na Escola de Comunidade – que precisa ser retomada -, pois, no capítulo sobre a obediência (Giussani, L. *É possível viver assim? Uma diferente abordagem da existência cristã*. Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2008, pp. 111-144), vemos um daqueles traços inconfundíveis de Jesus: a forma como Ele está diante da necessidade. É impossível ler isso e não nos comovermos, porque nós fomos olhados dessa forma: “Lembrem-se daquele dia em que Jesus era seguido por uma grande multidão que – e isto é impressionante – para ouvi-Lo falar nem mesmo se lembrava de comer, nem sequer sentia o cansaço, e fazia quase três dias que O seguia. Jesus, chegando ao alto da colina, viu aquele mar de gente que cobria os lados da colina... ‘e teve piedade deles’”. E Dom Giussani comenta: “São aquelas breves notas que o Evangelho assinala [...] que abrem como que uma janela sobre o grande panorama do ânimo de Cristo”, e nos dizem mais do que muitas descrições, como diz ele: nos abrem uma janela para entrar até a medula do ânimo de Cristo. “Jesus se voltou e teve piedade deles porque eram como ovelhas sem pastor; teve piedade deles não só porque estavam com fome e cansados e continuavam a segui-Lo impávidos; o Seu pensamento fez-se mais amplo [a Sua razão se amplia]: por que aquela gente tinha tanta fome e tanta sede de Suas palavras?” (id., *ibid.*, pp. 112-113).

Vejam como isso nos escancara ao Mistério: “Por que aquela gente tinha tanta fome e tanta sede de Suas palavras? Porque nunca tinha ouvido alguém falar como Ele, nunca tinha ouvido alguém dizer as coisas que Ele dizia, e, mesmo assim, aquilo que Ele dizia eram as coisas pelas quais aquela gente tinha nascido, tinha sido gerada. Tinham nascido para aquelas palavras, mas ninguém lhas dizia. ‘E teve piedade deles.’ Esta piedade imediatamente se traduziu numa constatação realista

[como vimos hoje de manhã]: estavam com fome. Ter piedade das pessoas porque não sabem o seu destino e ter piedade das pessoas porque têm fome (porque há três dias seguem alguém que fala do seu destino) é o mesmo, é o mesmo gesto. Sendo assim, disse aos apóstolos: ‘Fazei que se acomodem pelo chão.’ Acomodaram-se... em síntese, saciou a todos. E naquelas pessoas, as quais iam atrás d’Ele para ouvi-Lo falar de tanto que estavam fascinadas, diante daquele último gesto [...], a exaltação chega ao máximo e todos puseram-se a gritar a Cristo como ao rei que deveria vir, ao rei – filho de Davi. [...] ‘Então todos se aproximaram [...] para fazê-lo rei.’ Ele fugiu e, com a barca, passou furtivamente à outra margem do lago. Havia, na outra margem do lago, a cidadezinha de Cafarnaum com a bela sinagoga cujos restos ainda agora se vêem. O dia seguinte era sábado” (id., *ibid.*, pp. 113-114). Ele tinha matado a fome deles, eles poderiam ter ficado sossegados, ter voltado para casa, mas, na resposta a essa fome, fica claro que a necessidade não era apenas daquela coisa ali, mas era uma necessidade maior, e por isso eles continuavam a buscá-lo. E Jesus poderia ter-lhes dado de comer outra vez, mas sabia que o motivo pelo qual ainda o buscavam era maior, que a necessidade era maior, e então começa, começou a dizer a eles: “Os vossos pais foram saciados com o maná, mas depois morreram. Eu vos trago um maná, eu vos trago um pão que quem dele comer não morrerá mais” (id., *ibid.*, p. 114).

Jesus sabe muito bem que a necessidade não é apenas de pão, e então nasce a piedade de Jesus por eles, como a nossa, por aqueles a quem levamos a cesta básica (que não têm apenas a necessidade da cesta). Nós o sabemos bem por nós mesmos, como Jesus também sabia muito bem, e é por isso que o nosso amigo dizia: “Eu não quero deixar a cesta ali, eu quero um amizade”. Pois, sem essa amizade, eu não posso compartilhar, além da cesta, aquilo de que a pessoa tem mais necessidade: o gosto, o sentido de viver. E então Jesus nos mostra o que é querer bem aos outros; compartilha com eles não apenas a Sua força, matando sua fome, mas compartilha com eles o gosto do viver, que se encontra em Suas palavras, e depois querendo-lhes tão bem que lhes diz: “Percebam que

aquilo de que vocês realmente precisam, para responder a toda a sua necessidade, é a Minha carne”.

Nós podemos partir do Banco, como Jesus partia da fome – de tanto que era concreto -, mas Jesus não reduz a necessidade à fome, e nos diz o que significa olhar bem para a necessidade do outro. Que significa querer bem a um outro? Nós sabemos do que precisamos, e por isso a cesta básica é apenas o primeiro passo para compartilhar a coisa que realmente responde à necessidade. Isso nós só podemos testemunhar, não podemos pretendê-lo. Fazendo o gesto da cesta básica, nós nos educamos a olhar para a necessidade do outro segundo todo o seu alcance e a nos tornarmos conscientes de que somente se compartilhamos com os outros o que recebemos gratuitamente, como vocês diziam hoje de manhã, podemos realmente querer bem a um outro. E nós podemos fazer isso justamente porque Ele teve piedade de nós. É porque pertencemos ao Movimento que podemos fazer a caritativa dessa forma. É porque nos sentimos olhados assim, ou porque fazemos a Escola de Comunidade, ou porque estamos juntos para retomar constantemente essa maneira de sermos olhados, que podemos continuar a agir assim e somos mais introduzidos ao Mistério d’Ele, até o ponto de torná-Lo presente por meio dos traços inconfundíveis de Sua presença agora. Nós somos agraciados por termos sido olhados assim e por podermos continuar a aventura de torná-Lo presente para nós mesmos e para os outros.

Esta manhã tocamos Sua presença com as próprias mãos, porque as coisas que ouvimos não podem ser geradas por nós, mas acontecem, tanto hoje como no passado, porque Ele está presente.

É por isso que queremos continuar a realizar nossos gestos, os Bancos de Solidariedade, a Coleta de Alimentos, as Tendas de Natal. Justamente neste momento, em que todos vemos a dureza do tempo presente, que atinge a tantos amigos ou vizinhos nossos, esses gestos equivalem a acender um isqueiro na escuridão. Do contrário, como tantas pessoas hoje, correríamos o risco de nos fechar diante de uma situação de dificuldade. Realizar um gesto público como a Coleta de Alimentos ou

as Tendas serve para mostrar uma origem diferente, uma cultura diferente, porque nós não partimos daquilo que nos falta, mas do que recebemos. Partimos de uma plenitude, e essa plenitude nunca desaparecerá, nem com a crise econômica, pois ela não depende da crise econômica. Por isso, podemos testemunhar a todos qual é a origem do que nos aconteceu. Isso tem um valor educativo público, nós o dizemos a todos, diante de todos, queremos gritar a todos o que recebemos: a gratidão que temos por termos sido olhados com essa piedade.

Andrea. Agradeço àqueles que deram seu depoimento e sobretudo a você, Julián. Este agradecimento é o início de um trabalho sobre o que me acontecerá daqui a um minuto, dentro e fora da experiência dos Bancos de Solidariedade, pois o que aconteceu hoje, aqui, se choca com a minha vida, entra nela, julga-a, tem um impacto sobre aquilo que temos de viver; se não fosse assim, este agradecimento seria estéril, amanhã já teria sido esquecido.

Convido a todos, nos próximos meses, na vida cotidiana e ao viverem a experiência dos Bancos de Solidariedade, a aceitar o desafio que o acontecimento de hoje lançou pessoalmente a cada um de nós. Nós aceitamos o desafio quando buscamos uma resposta, quando vivemos o pedido que nasce da relação com a realidade.

Tivemos hoje testemunhas bem diante dos nossos olhos: continuemos a contar uns aos outros, nas conversas ou por escrito, dizendo como é que dentro deste gesto o acontecimento de Cristo traz uma novidade para a nossa vida.

(tradução de Durval Cordas)